

Prefácio

Honra-me sobremaneira prefaciador o livro *EDUCAÇÃO NA ERA DO CONHECIMENTO EM REDE E TRANSDISCIPLINARIDADE*. Faço-o na atitude de aprendiz, pouco comum a prefaciador. Quem prefacia tem geralmente a posição de quem apresenta ou até introduz, apoiado em sua suposta capacidade e competência, em seu conhecimento e renome. É sempre a postura de quem pode julgar a obra que está prefaciando e avalizá-la para o público a quem se destina. Um prefácio é um costume antigo que se torna a legitimação ou a validação da autoridade.

Desta vez, porém, este prefaciador se põe na situação de quem tem o privilégio da prioridade da leitura para anunciar a alegria do aprendido, do encontrado, do descoberto. Achei! Descobri! Encontrei!

O que me proponho, a seguir, é um passeio pelas observações da mente, impressões dos sentidos e sensações da emoção que acumulei no mergulho que fiz nestas páginas a que deverei voltar para muitas abluções e imersões, como quem volta a uma cachoeira para desfrutar de todas as suas quedas.

A primeira sensação é a superação do discurso comum cheio de presunçosas certezas fáceis que dominou nosso “pedagogês” e ainda predomina em muitas falas. Trata-se de uma busca, de uma construção coletiva de um projeto social de conhecimento. Certos conceitos, antes aprisionados nas cadeias de definições fechadas, passam a ser repensados como categorias abertas e dinâmicas de um pensamento novo e complexo, projetando-se para o futuro e não se prendendo às polêmicas do passado.

A propósito, hoje se emprega muito o termo revisitar. Não tive a impressão que este livro promova uma “nova visita”. Na visita existem um visitante e alguém ou algo que se visita. Não dá para sentir nos trabalhos aqui publicados esta dualidade clássica que vai buscar raízes na concepção de um sujeito e um objeto. Não é uma volta a algo já visitado, a um “déjà vu”. Há alguma coisa de novo que promete mais do que remete, na visão de uma realidade em mudança, onde o velho só permanece enquanto deixa de ser velho e se supera no estágio dialético atual e também provisório de sua construção.

A segunda sensação vem do fato de perceber esta produção como profundamente vinculada a uma prática acadêmica do processo de construção coletiva do conhecimento. Tem-se a impressão de que a sala de aula – expressão contra a qual reluto sempre – revaloriza-se como um laboratório, lugar de labor, de interações produtivas de um novo conhecimento e de um novo saber. Cada capítulo tem sua vinculação a alguma prática acadêmica de produção. É como se os autores procurassem destacar o cotidiano, o vivido e vivenciado no chão das suas práticas de educação e de ensino, mas tudo isto refletido e elaborado crítica e criteriosamente.

A terceira é a sensação da abertura do horizonte, pela diversidade de contribuições na marca de uma evolução do unidimensional para o pluridimensional, numa superação do dogmatismo que, também na pedagogia, herdamos da cultura religiosa e política ocidental.

Não se trata de um conhecimento feito, acabado, compendiado, como aquele catequético “pergunte e responderemos”, mas de uma proposta ou desafio “autopoiético” de “pergunte e procuraremos”.

Daí, vou mergulhando mais nos vários “arquivos” dos capítulos do livro. Minha quarta sensação se prende à questão da interdisciplinaridade que me remete aos velhos tempos de curso de filosofia, quando nossa turma se sentia impactada diante das insuficiências epistemológicas da gnosologia clássica e da criteriologia do neo-positivismo. Ali estavam as bases de uma atomização do conhecimento pela qual se autorizava uma classificação das ciências que resultava na divisão das disciplinas que constituíam as grades das prisões dos currículos da época. Eram os tempos em que a UNESCO encomendava a um grupo de especialistas sob a coordenação de Piaget uma nova classificação das ciências.

Nesta obra, a interdisciplinaridade se desenvolve. Supera-se a multidisciplinaridade pela transdisciplinaridade e pela metadisciplinaridade já anunciada. No fundo está em jogo a reconstrução do homem, de um novo homem. A atomização do conhecimento não é apenas uma questão epistemológica, mas um drama antropológico. Ela decorre da fragmentação do homem. Mais do que um “cibernantropo” de que tanto se falava nos anos sessenta e setenta, o homem moderno aparece como um homem partido, dividido, fraturado. E neste sentido, este livro é uma ajuda na tarefa pedagógica e andragógica da recomposição da unidade ontológica e da integração epistemológica do homem e do conhecimento.

Chego, então, a minha quinta sensação. Este livro traz para o leitor a visão panorâmica das teorias, sem descuidar da apresentação das abordagens metodológicas e do uso e emprego de instrumentos técnicos. Isto se faz na comunicação da experiência dos autores, sem pretensões de maiores sistematizações e com uma posição quase fenomenológica de quem abre a janela para novos descortinos.

Salta aos olhos a importância do pensamento da complexidade na elaboração desta obra. Talvez seja este o fio condutor que une as partes, levando a todas e de todas a energia, a força e a luz.

Para quem já vai ultrapassando os sessenta anos, é sempre interessante conferir quantas teorias marcaram a evolução do pensamento nas décadas de uma vida. É como se nós mesmos reconstruíssemos nossa trajetória mediante o desenvolvimento das idéias de cada época. Às vezes reage-se, com certo conservadorismo, contra o que se apresenta como modismos que empolgam a superficialidade e passam sem deixar marcas. Mas, na crítica conservadora a novas teorias e abordagens, há também uma espécie de defesa de alguns, pelo não acompanhamento do movimento da história. É quase uma crítica às novas idéias. Há um descrédito nas novas propostas. Afinal de contas, dos autores que hoje se citam nas páginas deste livro, quantos já eram conhecidos e estudados nos anos sessenta da formação de minha geração?

Ao que me parece, esta coletânea escapa ao modismo superficial pela tentativa de verticalização dos conteúdos e pela abertura universal do horizonte intelectual em que se situa.

Como toda obra coletiva, também esta precisa ser lida tendo-se em consideração a riqueza específica de cada contribuição, na diversidade que apresenta. As sensações que tive não se fizeram na mesma intensidade e profundidade em todas as partes. Nem foram todas as partes que produziram as mesmas impressões. Mas é o conjunto da obra que me deixa a alegria de constatar que alguma coisa de importante e de novo está se passando na nossa visão de mundo pedagógica e andragógica, especialmente na pós-graduação em educação.

Uma satisfação de minha terceira idade vem sendo verificar a expansão do universo das idéias. Ninguém segura ou controla mais as galáxias do pensamento, antes julgadas nas dimensões do que se podia perceber no momento, tal como Pico Della Mirandola, com o seu “de omni re scibili et inscibili”. Neste sentido se recupera a dúvida fundamental que abre sempre a mente ao questionamento e à investigação. Liberta-se o pensamento, inclusive, das amarras dos comprometimentos partidários. Na visita à biblioteca ou à livraria, mede-se a diferença de nossa vivência intelectual, entre os anos cinqüenta e os anos 2000. Naqueles tempos, voltava-se muitas vezes às mesmas prateleiras e encontravam-se quase os mesmos títulos. Hoje, porém, a cada vez que se torna, o fluxo dos dados, das informações e dos conhecimentos já passou. Isto deixa no homem uma profunda sensação de limite, numa consciência de humildade pela incapacidade de controlar ou dominar o universo do conhecimento que só se constrói pela ação solidária da humanidade, através das sucessivas gerações.

Teresópolis, 11 de julho de 2005.

Vicente de Paulo Carvalho Madeira